

O MAX GUNTHER FATOR SORTE

Tradução
PAULO RAMOS

Prefácio
GAUTUM BAID

 **Planeta**



Grupo  Planeta

PLANETA DE LIVROS PORTUGAL
Calçada Ribeiro Santos, n.º 37 – 2.º
1200-789 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

Título original: *The Luck Factor*

1977, 1.ª edição. 2009 e 2012 publicado por Harriman House.
Editado em 2020 por Harriman House Classics (www.harriman-house.com)
© 2022, Planeta de Livros Portugal

Revisão: Rosário Quadros

Paginação: Guidesign

1.ª edição: Janeiro de 2024

Depósito legal n.º 524 631/23

Impressão e acabamento: Guide – Artes Gráficas

ISBN: 978-989-777-712-7

www.planetadelivros.pt

Para Dorothy, a quem desejo o melhor da minha sorte

Índice

Prefácio	11
A procura – Preparem-se para uma estranha caminhada!	15

Primeira parte

Golpes de sorte e de azar

Capítulo 1 – Os abençoados e os amaldiçoados.....	21
Capítulo 2 – Duas vidas.....	41

Segunda parte

Especulações acerca da natureza da sorte:

algumas tentativas científicas

Capítulo 1 – A teoria da aleatoriedade	55
Capítulo 2 – As teorias psíquicas	77
Capítulo 3 – A teoria da sincronicidade	93

Terceira parte

Especulações acerca da natureza da sorte:

algumas tentativas ocultas e místicas

Capítulo 1 – Números	115
Capítulo 2 – Destino e Deus	131
Capítulo 3 – Amuletos, sinais e presságios	141

Quarta parte

O ajuste da sorte

A procura – E chegamos agora ao âmago da nossa procura	155
Capítulo 1 – A estrutura da teia de aranha	157
Capítulo 2 – A habilidade para o palpite	173
Capítulo 3 – « <i>Audentes Fortuna Juvat</i> »	201
Capítulo 4 – O efeito torniquete	221
Capítulo 5 – O paradoxo do pessimismo	235

Prefácio

«A sorte é o maior superpoder.»

STAN LEE

O que é necessário para se ter sucesso? Quais são os segredos das pessoas mais bem-sucedidas? A julgar pela popularidade de revistas como a *Success*, a *Forbes* e a *Entrepreneur*, o interesse por estas interrogações é considerável. Presumimos que podemos aprender com as pessoas bem-sucedidas porque elas possuem determinadas características pessoais – talento, capacidades, trabalho árduo, tenacidade, otimismo, uma mentalidade orientada para o crescimento, inteligência emocional – que as conduziram até à posição onde se encontram hoje.

Contudo, será que esta suposição está correta?

O papel da sorte fica escondido porque aquilo que se destaca é o sucesso incrível; o fracasso está em toda a parte, mas não é publicitado nem visto. Jennifer Aniston e Sandra Bullock trabalharam como empregadas de mesa antes de se tornarem estrelas de cinema. O mais provável é que os restantes milhares de empregados e empregadas de mesa de Los Angeles nunca recebam um telefonema para um *casting*. Para cada Mark Zuckerberg, são milhares os empreendedores e funcionários do sector das tecnologias que pouco têm para mostrar após décadas de esforços.

É provável que o leitor conheça alguém que tem «sempre» sorte. Aquele amigo ou colega que parece estar sempre a conhecer pessoas interessantes, que tropeçou num negócio incrível ao comprar uma casa e que encontrou o emprego de sonho quase sem se esforçar.

Estas coisas nunca lhe acontecem. Tem a sensação de já conhecer tudo isto?

Será verdade que algumas pessoas têm mais sorte na vida do que outras? E, se assim for, existirá alguma maneira de o leitor se tornar uma pessoa com mais sorte?

A resposta é: Sim.

Pode aumentar o seu potencial de atração da sorte se tomar as medidas adequadas. São mais do que muitos aqueles que pensam que os bem-sucedidos são pessoas que já nasceram bafejadas pela sorte. Em *O Fator Sorte*, Max Gunther revela-nos como é que algumas pessoas se tornam mais sortudas do que outras pelo facto de terem organizado as suas vidas de acordo com determinados padrões característicos.

Estas pessoas têm tendência para se colocarem no caminho da sorte que está para chegar. Tendem a deslocar-se para situações que estão a acontecer muito depressa e nas quais um golpe de sorte pode repentinamente vir ao seu encontro. Experimentam a sorte em diferentes empreendimentos de baixo risco, mas com características de alta rentabilização. Fazem-se rodear por pessoas espertas e conhecedoras. Quando perseguem os seus objetivos, deixam sempre algum espaço para descobertas fortuitas. Não ignoram a importância de descobertas acidentais (ou seja, eventos, festas, reuniões, conferências ou acontecimentos casuais) e mantêm a mente aberta a todas as possibilidades. Assumem riscos calculados. Apegam-se às suas convicções iniciais, mas também as largam assim que perdem toda a esperança. Acreditam no lema: «Crenças fortes, mas não exageradamente.»

Em resumo, movem-se ao sabor da vida, e não contra esta.

Por conseguinte, as pessoas com sorte conseguem aproveitar os bons momentos da vida, ao mesmo tempo que minimizam os efeitos dos maus momentos. Esta última afirmação é de uma importância crucial. É muito mais importante aprender a evitar o azar do que

olhar apenas para a boa sorte, pois a boa sorte pode surgir simplesmente por se minimizar o azar. Tal como Charlie Munger escreveu muito acertadamente: «Tudo aquilo que quero saber é onde vou morrer, para nunca ir até lá.»

De modo a atrair a sorte, o leitor precisa de se munir de um otimismo cauteloso temperado com uma dose saudável de pessimismo. O recurso aos preceitos estipulados neste livro irá aumentar as suas hipóteses de ter sorte e, ainda mais importante, vai ajudar o leitor a ver onde é que o azar pode estar à espreita.

Pode ter ao seu alcance todas as oportunidades do mundo, mas sem a preparação necessária ser-lhe-á muito difícil aproveitá-las. O filósofo romano Séneca estava certo. A sorte não é apenas uma questão de «ter sorte». Sorte é aquilo que acontece quando a preparação coincide com a oportunidade. Ter sorte não se trata apenas de estar no sítio certo no momento certo, mas também de estar aberto e pronto para novas oportunidades.

O conhecido psicólogo Richard Wiseman estudou as vidas de 400 pessoas ao longo de dez anos e observou todos os casos de sorte ou oportunidades fortuitas – tanto bons como maus – que tiveram ao longo desse tempo. Descobriu que algumas pessoas são mais propensas a ter azar do que outras, mas que é possível criar uma boa sorte seguindo determinados princípios:

«As pessoas com sorte geram fortuna através de quatro princípios básicos. Têm capacidade para gerar e detetar as boas oportunidades, tomam decisões afortunadas porque dão ouvidos à sua própria intuição, geram profecias autorrealizáveis através de expectativas positivas e adotam uma atitude resiliente que transforma o azar em sorte.»

Todos nós temos a oportunidade de a sorte nos sorrir porque – além das necessidades básicas de saúde e do sustento – a sorte resulta

apenas de uma série de opções. Se o leitor vive numa sociedade livre, é um sortudo. Está todos os dias rodeado pela sorte, mesmo que não se aperceba disso. As pessoas com sorte tendem a ser otimistas por natureza: *esperam* que lhes aconteçam coisas boas. As pessoas otimistas têm mais sorte porque o facto de acreditarem em bons resultados aumenta mesmo as hipóteses de obterem bons resultados. O leitor tem maior probabilidade de ser perseverante e resiliente quando espera resultados positivos acerca de qualquer coisa.

Em resumo, as pessoas com sorte são aquelas que reconhecem o quanto são abençoadas e que se sentem agradecidas por aquilo que têm. Se o leitor quiser sentir-se abençoado, basta contar todas as bênçãos que tem e que dinheiro algum pode comprar. Na minha perspetiva, esta autorrealização é o passo mais importante para se ter sorte. É possível que não lhe esteja a correr bem o trabalho, ou os seus investimentos, mas se tiver uma família que adora e gozar de boa saúde, o melhor é que esteja agradecido por já possuir algumas das coisas mais preciosas que se podem ter na vida.

As obras de Max Gunther serviram-me de inspiração original para o capítulo do meu livro acerca da sorte, das oportunidades, da serendipidade e da aleatoriedade. Tenho a certeza de que os leitores vão gostar tanto de aprender com este texto clássico como eu gostei.

GAUTAM BAID

Autor de *The Joys of Compounding*
Salt Lake City, EUA

A procura

Preparem-se para uma estranha caminhada!

Estamos prestes a explorar um espaço que até agora poucos tentaram explorar: o território da sorte. Está inexplorado, sobretudo porque muitos homens e mulheres acreditam que é inexplorável, que se trata de uma área que não podemos compreender. Neste sentido, a palavra «sorte» é apenas o nome que damos aos acontecimentos descontrolados e incontroláveis que entram e saem de rompante das nossas vidas. São muitos os que poderiam afirmar que não é possível mapear tais acontecimentos, tal como é impossível mapear as ondas de um oceano tempestuoso. Ordená-la, medir a sua geometria aterradora, parece tratar-se de uma empresa condenada ao fracasso.

Contudo, irão descobrir, antes de chegarmos ao fim desta procura, que a vossa sorte não é assim tão selvagem como podem ter suposto. Dentro de determinados limites, mas de uma maneira perfeitamente real, pode ser influenciada.

Pode ser compreendida.

Pode ser trabalhada racionalmente.

Para a trabalharem ou manipularem – de modo a melhorarem as probabilidades a favor da boa sorte e reduzirem as probabilidades do azar – terão necessidade de fazer algumas mudanças, algumas das quais talvez bastante profundas, tanto no vosso íntimo como à vossa

volta. Estas mudanças estão interligadas e complementam-se umas às outras. Juntas, formam aquilo a que chamo *o ajuste da sorte*.

A teoria do ajuste da sorte tem por base observações de pessoas consistentemente afortunadas, em comparação com outras pessoas consistentemente azaradas – centenas de observações, realizadas ao longo de mais de duas décadas. Verifica-se que os sortudos apresentam cinco características principais que, no caso dos azarados, tanto podem estar silenciadas a ponto de serem ineficazes como não estarem sequer presentes. Vamos examinar estes cinco traços com cuidado para vermos do que são feitos e como é que funcionam.

Resumidamente, são:

1. *A estrutura da teia de aranha*. As pessoas bafejadas pela sorte usam-na para criar canais pessoais através dos quais a sorte pode fluir.
2. *A habilidade para o palpite*. Os homens e as mulheres com sorte estão cientes, instintivamente, se não mesmo conscientemente, de que é possível intuir mais do que aquilo que se vê.
3. *O fenómeno «audentes fortuna juvat»*. De um modo geral, a vida com sorte decorre aos ziguezagues, não em linha reta.
4. *O efeito torniquete*. As pessoas com sorte usam-no instintivamente para prevenir que o azar se torne ainda pior.
5. *O paradoxo do pessimismo*. O rótulo «despreocupados» é bastante enganador, pois não se aplica à maior parte daqueles cujas vidas são objetivamente sortudas. Pelo contrário, as pessoas com sorte cultivam o pessimismo duro e sombrio como uma ferramenta essencial do seu equipamento de sobrevivência.

Cada uma destas cinco atitudes em relação à vida e à própria pessoa incorpora atitudes secundárias e regras consequentes. Muitas destas atitudes secundárias surpreenderam-me e deixaram-me mesmo desconcertado quando me apercebi delas pela primeira vez, e o mais provável é que também surpreendam os leitores. Por exemplo,

vão ficar a saber que muitos dos velhos conselhos acerca da ética nos meios laborais são, de facto, receitas para o azar. E que uma só palavra, «imprudência», vos pode provocar grandes danos se assim lho permitirem. E que uma superstição muito acalentada, se tiverem alguma, não só pode ser inofensiva como até pode ser tangivelmente útil. Mas há mais...

Mas lá chegaremos assim que chegar a devida altura. Agora estamos prontos para partir. Façam-se acompanhar pelo vosso ceticismo, mas também pela vossa vontade de ouvir. Mantenham os juízos que fazem acerca de vós mesmos e os olhos bem abertos. Boa sorte.

MAX GUNTHER

1977

Primeira parte

Golpes de sorte e de azar

Capítulo 1

Os abençoados e os amaldiçoados

Algumas pessoas têm mais sorte do que outras. Trata-se de uma afirmação com a qual poucos poderão discordar. No entanto, esta afirmação é como uma sopinha insípida servida no início de uma refeição, ou seja, só por si não satisfaz. Deve ser seguida por mais qualquer coisa, e é então que começam as discussões.

Por que razão algumas pessoas têm mais sorte do que outras? Esta é uma pergunta de uma dimensão extraordinária, pois obriga as pessoas a questionarem as suas próprias crenças fundamentais, as suas vidas e os seus destinos. Não há consenso quanto a esta interrogação, nunca houve e, o mais provável, nunca haverá. Há quem pense que conhece as razões para a sorte e para o azar. Tal como também há quem concorde que podem existir razões, mas que duvida que estas possam ser conhecidas. Por último, temos aqueles que duvidam que existam quaisquer razões.

E é assim que o debate começa.

Eric Leek é barbeiro e estilista. Nos últimos meses pensou bastante acerca da sorte, pois esta irrompeu-lhe inesperadamente pela vida, de tal modo que lhe alterou o rumo. Ansioso por ouvir a filosofia dele, fui procurá-lo na sua casa em North Arlington, Nova Jérсия.

Tenho uma morada, mas não é a correta: é a de um apartamento num prédio sem elevador que fica por cima de algumas lojas numa rua velha e decrépita. Ao lado de uma farmácia vejo uma passagem escura e sem número que suponho ser a morada de Eric Leek. No corredor, a caixa do correio, de metal e amolgada, não tem o nome dele. Depois de subir umas escadas de madeira que rangem, encontro outra porta sem número. Na esperança de ter chegado ao sítio certo, bato à porta.

Eric Leek convida-me a entrar. É um tipo alto, esguio e com boa figura, de 26 anos, com o cabelo castanho-claro e bigode. Apesar de antigo, o apartamento está muito bem conservado. Leek apresenta-me à amiga, Tillie Caldas, que insiste em oferecer-me uma cerveja pois, segundo diz, não se sente à vontade por ver um convidado sentado sem nada para beber. O terceiro membro daquele agregado familiar é um pequeno gato, simpático e com uma pelagem cor de gengibre e branca, que me é apresentado como *Keel* – Leek lido ao contrário. Eric Leek comenta que, lido de trás para a frente, o seu nome completo é Cire Keel, e acrescenta acreditar que, na Idade Média, existiu um feiticeiro com esse nome. Pensa ser possível que ele seja a reencarnação de Cire Keel.

Começamos a falar acerca da sorte. «Não me agrada nada falar acerca da sorte», avança Leek, «porque, sempre que o faço, há algumas pessoas que acham que sou um tipo esquisito. Os meus pontos de vista acerca disso são, antes de mais, religiosos, ou místicos, se assim o preferir. Acredito que a sorte chega até às pessoas que estão preparadas para a aceitar e para a usarem de uma maneira altruísta de maneira a servirem-se dela para ajudarem os outros. Não acredito que chegue com frequência àqueles que são gananciosos. Como regra geral, as pessoas mais gananciosas que conheço também são as mais desafortunadas.»

Nos próximos anos, Leek terá várias oportunidades para dar provas da sua sinceridade. De um momento para o outro, a 27 de janeiro

de 1976, este jovem que ninguém conhecia recebeu uma fortuna incrível: ganhou a lotaria especial do Bicentenário sorteada pelo estado de Nova Jérсия, e o prêmio foi o maior alguma vez concedido na história do país, ou seja, 1776 dólares por semana, o que equivale ligeiramente a mais de 92 000 dólares por ano, para toda a vida. Ele e os herdeiros dele, caso morra precoce e inesperadamente, têm garantidos um total de pelo menos 1,8 milhões de dólares.

O seu bilhete premiado, que lhe custou 1 dólar, foi um dos 63 milhões sorteados. «Sei qual é a pergunta» afirma ele. «A pergunta é: porque é que aquele bilhete ganhou? No meio de tantas pessoas, porque é que fui eu? Não julgo que tivesse sido uma coisa que aconteceu por acaso. Existe sempre uma razão para tudo aquilo que acontece, mesmo que nem sempre consigamos ver qual é a razão. Há padrões... há sempre qualquer coisa que guia as nossas vidas.»

Diz ele que sempre teve sorte. «Nunca me preocupei muito acerca do futuro porque, para mim, pareceu-me sempre que ele sabia tomar conta dele. Foi esta uma das razões pelas quais nunca “assentei”, como é costume dizer-se.» Já foi cantor e ator por várias vezes (o que revela na sua maneira de falar, suave e precisa), taxista, operário da construção civil, barbeiro. «Tive sempre um pressentimento muito forte de que por volta desta idade iria ocorrer uma grande mudança na minha vida. Não tive pressa em encontrar-me porque sabia que iria acontecer qualquer coisa que mudaria tudo e que dessa mudança viria a orientação.»

«Sentiu que conhecia o futuro?», pergunto-lhe.

«Num sentido vago, sim. Tillie e eu somos ambos semiclarividentes.»

«É verdade», afirma Tillie. «Algumas semanas antes de tudo isto acontecer, sonhei que estava com um homem de cabelo claro que ganhara uma quantidade fantástica de dinheiro. No entanto, foi estranho, porque ao princípio não associei Eric ao sonho. Isso aconteceu mais tarde. De repente, pouco antes do sorteio, descobri que tinha a certeza de que ele iria ganhar.»

«No final também tive a certeza», diz Leek. Recorda que a aventura começou sem qualquer pista precognitiva do que iria ser o resultado. «Na verdade, não pensei na possibilidade de ganhar o que quer que fosse. As receitas da lotaria estavam destinadas a um fundo estatal para a educação e comprei as cautelas porque aquilo me pareceu uma boa causa. Devo ter comprado umas 40 ao longo de vários meses, sempre que me sobrava um dólar. A lotaria tinha sido organizada de modo a que fossem escolhidos 45 finalistas para o grande sorteio. Um dia, li no jornal que os nomes dos finalistas seriam anunciados no dia seguinte e disse para um amigo que “o meu nome iria estar nessa lista”. Foi uma piada, mas sem ser piada, se é que isto faz algum sentido. Pensei que ia ser verdade. E claro que foi.»

Foi então que o número 10 entrou na história. Leek considera que o 10 é o seu número da sorte. «Eu nasci na décima hora do décimo dia do décimo mês. Na maior parte das coisas boas que me acontecem o dez está presente em qualquer lugar. Conheci Tillie num dia dez, por exemplo.» Na data do sorteio final da lotaria também estava um bom presságio: 27 de janeiro. Somados, os três dígitos dessa data, 1/27, dão 10. Durante o próprio sorteio surgiu outro bom presságio. O sorteio realizou-se no auditório de uma faculdade na presença de quase todos os finalistas. Tratou-se de um procedimento teatral e complicado, estudadamente prolongado para aumentar o suspense. Numa dada fase desse longo processo, o nome de Leek chegou a uma «posição» marcada com o 10. Diz ele que foi nessa altura que ficou a saber que iria ganhar.

O que vai ele fazer com o dinheiro? Por enquanto, o seu principal plano é abrir um centro para a juventude em North Arlington, «para ajudar miúdos com problemas. Veja, a minha sorte vai transformar-se em sorte para alguns miúdos que ainda não conheço».

Será que ele sente que irá continuar a gozar de boa sorte? Até agora, tudo bem. Levou Tillie a Acapulco pouco depois do sorteio e, sem saber, alguém do hotel reservou-lhe um quarto que ele poderia

muito bem ter pedido: o 1010. Algumas semanas mais tarde, já regressado a Nova Jérсия, participou numa reunião de um sindicato de barbeiros durante a qual foi organizada uma lotaria. Dado que nessa altura Leek já era famoso a nível local, pediram-lhe que tirasse o nome do vencedor de uma urna que lhe colocaram em cima da cabeça. Acabou por tirar o seu próprio nome.

Jeanette Mallinson, escriturária desempregada, na casa dos trinta e muitos anos, com um ligeiro excesso de peso, mas atraente. Tem cabelo castanho e olhos azuis. Encontramo-nos ao balcão do café de um centro comercial em Washington, D. C. Junto à chávena de café está um jornal no qual tem estado a estudar os anúncios de oferta de emprego.

Diz ela: «Parece que estou sempre a ficar sem emprego.» No entanto, não se nota qualquer queixume de autopiedade no seu tom de voz. Pelo contrário, até parece bastante animada. «Uma vez li uma coisa escrita por um psicólogo que dizia que são as pessoas que criam o seu próprio azar. Mas no meu caso isso não é verdade... não é completamente verdade, seja como for. Tive muito azar na minha vida, muito mais do que a parte que me devia tocar, penso eu. Quando digo azar, refiro-me a coisas que estão para lá do meu controlo. Julgo que é o destino. Algumas pessoas são escolhidas para terem azar durante algum tempo. Mas não tem de durar para sempre. No meu caso, as coisas vão melhorar no próximo ano... e no ano seguinte, finalmente vai-me correr tudo bem.»

«Como é que sabe isso?»

«É o meu horóscopo que diz. Talvez isto lhe pareça superstição, mas ouça, quando se tem tanto azar como eu tenho, começamos a perguntar qual é o problema. Experimentei a religião, mas isso não me deu quaisquer respostas boas. Por fim, uma amiga despertou-me o interesse pela astrologia e fiquei espantada com a sua exatidão.

Veja, o meu signo solar é Escorpião, mas tenho Saturno e Marte nos lugares errados e muitos outros problemas. Quase quarenta anos de problemas desde o dia em que nasci. Mas agora está quase a acabar. Por isso, em vez de me preocupar com este ano, estou ansiosa pelo próximo. Vou conseguir sobreviver a este ano, seja lá como for. Sempre consegui sobreviver...»

Conta ela que o primeiro golpe de azar digno de nota de que se recorda ocorreu quando era criança, no Maryland. Num piquenique, alguém tentou acender uma fogueira com gasolina e, devido à explosão, ficou com a bochecha esquerda gravemente queimada. Desde então submeteu-se a cirurgias plásticas para substituir a pele danificada e agora os únicos vestígios visíveis são umas cicatrizes bastante superficiais. «Mas a cirurgia plástica não estava tão avançada quando eu era criança e, de qualquer modo, os meus pais não tinham dinheiro. Por isso passei a minha adolescência com esta queimadura grande e feia na minha bochecha. Sabe como as adolescentes são sensíveis. A mancha da queimadura nem me desfigurava assim muito, mas eu achava-a demasiado horrível para que a vissem. Ficava em casa sozinha, não ia a encontros nem a lado nenhum. Tornei-me uma eremita. Dizem que o carácter faz a sorte, mas comigo foi ao contrário. O destino é que moldou o meu carácter. Aquela bochecha queimada fez de mim uma solitária, demasiado tímida para olhar alguém na cara.»

Depois de terminar o secundário, Jeanette mudou-se para Washington e começou a trabalhar como escriturária numa repartição do governo. «Em toda a minha vida nunca tive um emprego que durasse mais de três anos. Acontecia qualquer coisa para eu voltar a ir parar ao meio da rua. Em parte, talvez alguns dos problemas tenham sido por minha culpa, mas... bem, veja o meu primeiríssimo emprego. Alguém roubou um monte de dinheiro do fundo de maneoio da caixa. Quem é que acusaram? A mim, está claro. Foi só o meu azar porque alguém me viu voltar ao escritório fora das horas

de expediente. Fui lá para ir buscar um champô que tinha comprado e deixara na gaveta da minha secretária, mas deu a ideia de que eu estava a entrar sorrateiramente para roubar aquele maldito dinheiro. É assim que as coisas me acontecem. Ou veja o meu último trabalho, a razão pela qual agora estou a olhar para estes anúncios de oferta de emprego. Eu estava a sentir-me muito bem naquele trabalho, mas então o que aconteceu? O gerente do escritório demitiu-se e a nova pessoa que escolheram é uma mulher que é uma verdadeira bruxa. Ninguém gosta dela e ela não gosta de ninguém, mas por alguma razão fez de mim o seu principal alvo. Não sei porquê. Já dei voltas e mais voltas à cabeça e, honestamente, não consigo encontrar nada que tenha dito ou feito para me tornar inimiga dela. Foi apenas uma daquelas coisas que acontecem, duas personalidades que fizeram faísca, puro azar. Seja como for, ela tornou-me a vida de tal maneira insuportável que só tive duas hipóteses: despedir-me ou ir parar a um hospital psiquiátrico.»

Teve várias relações com homens, mas acabaram todas mal. Casou-se com 22 anos. Passados três anos, o marido abandonou-a e deixou-a com dois miúdos pequenos. Já com vinte e muitos anos, conheceu outro homem chamado Gene. Conta-me que ele parecia «perfeito... a relação perfeita». Em vez de recusar os seus dois filhos, gostava deles e queria casar com ela. Uma semana antes da data do casamento, a mãe dela adoeceu gravemente e Jeanette teve de adiar a cerimónia para cuidar da idosa durante vários meses. Acabou por se tornar evidente que a mãe ficaria inválida para o resto da vida e que iria precisar de ficar a viver com Jeanette ou de ir para um lar da terceira idade. A perspetiva de viver com a mãe de Jeanette ou de contribuir para o pagamento das contas de um lar da terceira idade pareceu fazer esmorecer o entusiasmo de Gene. Jeanette falou com ele acerca do problema durante várias semanas e procurou reavivar-lhe o entusiasmo. Ele começou a falar acerca de remarcarem a data do casamento.